

Mulheres de Axé, Interseccionalidade e Epistemologias Afrodiaspóricas:

Notas para uma Leitura Crítica da Diáspora Negra

Aline de Fátima Caetano Alonso Moreira, Instituto Federal de Santa Catarina – Câmpus de Florianópolis (IFSC); membra da Rede Internacional de Pesquisadores sobre Povos Originários e Comunidades Tradicionais (RedeCT)

Fábio Freitas dos Santos, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Ciência e Tecnologia, Câmpus Sorocaba; membro da Rede Internacional de Pesquisadores sobre Povos Originários e Comunidades Tradicionais (RedeCT)

Eixo Temático: 4. Corpo, Gênero e Subjetividades

Introdução

A diáspora africana produziu práticas, cosmologias e formas de conhecimento que estruturaram modos de existir no Brasil, mas que foram historicamente subalternizadas pelos paradigmas eurocentrados da modernidade. Esse processo está diretamente associado à colonialidade do poder, responsável por instituir classificações raciais e sociais que definem quem pode produzir conhecimento e quais saberes são reconhecidos como legítimos (Quijano, 2010). No interior dessa lógica, as epistemologias produzidas por mulheres negras e povos de terreiro foram sistematicamente desqualificadas por uma racionalidade colonial que separa corpo e razão, espiritualidade e ciência, contribuindo para o epistemicídio de saberes afrodiaspóricos.

Objetivos

O presente trabalho tem como objetivo analisar o papel epistemológico das mulheres de axé como produtoras de conhecimento afrodiaspórico; discutir as epistemologias de terreiro como práticas de resistência à colonialidade do saber; e articular o feminismo negro e a interseccionalidade como chaves teóricas para a compreensão das experiências de mulheres negras nos contextos religiosos afro-brasileiros.

Metodologia

Trata-se de um ensaio teórico-reflexivo, fundamentado em revisão bibliográfica interdisciplinar nos campos do feminismo negro, da interseccionalidade, das epistemologias do Sul e dos estudos afrodiaspóricos. A abordagem privilegia saberes situados e experiências vividas, reconhecendo a legitimidade da oralidade, da ancestralidade e da corporeidade como

formas de produção de conhecimento e como fundamentos de epistemologias contra-hegemônicas.

Discussão

As mulheres de axé — especialmente iyalorixás e lideranças femininas — ocupam posições centrais na transmissão de saberes que articulam espiritualidade, cuidado comunitário e ação política. A interseccionalidade permite compreender que suas experiências não podem ser analisadas a partir de categorias isoladas, uma vez que raça, gênero e religiosidade operam de forma combinada, produzindo mecanismos específicos de invisibilização institucional (Crenshaw, 2004). Estudos indicam que, embora essas mulheres detenham prestígio e autoridade no interior dos terreiros, permanecem socialmente invisibilizadas em espaços públicos mais amplos, o que evidencia a persistência das hierarquias produzidas pela colonialidade (Souza, 2014).

As epistemologias de terreiro se expressam por meio de práticas rituais, estéticas e corporais que rompem com a separação moderna entre conhecimento e sensibilidade. O terreiro configura-se, assim, como espaço pedagógico e intelectual negro, no qual o axé atua como princípio organizador da vida comunitária e como fonte de autoridade simbólica (Silva, 2008). Reconhecer esses saberes como localizados implica assumir a parcialidade e a responsabilidade ética da produção do conhecimento, conforme propõe Haraway (1995), deslocando a noção de objetividade universal que historicamente sustentou a exclusão de epistemologias não hegemônicas.

Nesse sentido, o feminismo negro contribui para a construção de horizontes críticos capazes de questionar o próprio modelo civilizatório moderno, ao reposicionar as mulheres negras como sujeitas políticas e epistêmicas e ao afirmar a centralidade de suas experiências na produção de conhecimento (Ribeiro, 2016).

Considerações Finais

Conclui-se que as epistemologias afrodiaspóricas produzidas por mulheres de axé não se restringem ao campo religioso, mas constituem formas legítimas de pensamento, produção cultural e elaboração política. Reconhecer o terreiro como território de conhecimento e de preservação eco-sagrada contribui para a justiça cognitiva e socioambiental, enfrentando a colonialidade do saber e o racismo ambiental. Assim, afirma-se a centralidade das experiências

negras na construção de uma ciência plural, situada e comprometida com a manutenção da vida em todas as suas dimensões.

Palavras-chave: Mulheres de Axé; Feminismo Negro; Interseccionalidade; Epistemologias Afrodiaspóricas; Povos de Terreiro.

Referências

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: VV. AA. **Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: UNIFEM, 2004. p. 7–16.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7–41, 1995.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2010. p. 73–118.

RIBEIRO, Djamila. Feminismo negro para um novo marco civilizatório. **Revista Internacional de Direitos Humanos**, v. 13, n. 24, p. 99–104, 2016.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Arte religiosa afro-brasileira: as múltiplas estéticas da devoção brasileira. **Debates do NER**, Porto Alegre, v. 9, n. 13, p. 97–113, 2008.

SOUZA, Nadson Nei da Silva de. **Mulheres do axé: da invisibilidade social à visibilidade religiosa**. 2014. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-Raciais) – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2014.